

## INFORMAÇÕES

**Ofertório Diocesano:** O Ofertório das Missas deste fim de semana reverte para a Diocese e será entregue de forma solene na Concelebração Eucarística presidida pelo Bispo da Diocese, este domingo, dia 8, às 15,30 h., na Sé de Viana, por um membro do Conselho Paroquial para os Assuntos Económicos (Comissão Fabriqueira).

**Escutismo - Reunião de pais ou encarregados de educação:** No próximo sábado, dia 14, às 21 h., na sede dos Escuteiros, os dirigentes do nosso Agrupamento de Escuteiros reúnem com todos os pais ou encarregados de educação das crianças que frequentam o escutismo na nossa paróquia.

**Ofertório para a nova igreja:** Neste mês de Novembro, o Ofertório para a igreja nova será nas Missas do próximo fim de semana, dias 14 e 15. Leve um envelope para casa para nele entregar o seu contributo.

**Donativos para a nova Igreja e Centro Paroquial:** Foram entregues esta

semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: "Sócios da Boa Vontade" (Grupo de Utentes do Centro de Convívio) – 165 €; Ana Rodrigues de Sousa Lima – 20 € (mensal); António Pereira Morgado – 20 €; António Parente da Cunha Matos e esposa – 10 € (mensal); Anónima – 20 € (mensal); Luís Alexandre de Sá Ribeiro – 10 € (mensal); Manuel Fernandes Pereira e Etelvina Freitas Viana – 20 € (mensal); Maria Helena Lourenço Alves – 20 € (mensal); Anónima – 5 €. Bem hajam!

**Rectificação:** Os 2 pratos decorativos, pintados à mão, que foram sorteados em rifa na Peregrinação a Almada/Fátima, foram oferecidos pela D. Fátima Martins, da Fábrica "Louças do Lima", situada na Areosa (junto ao Stand da Honda) e não "Louças de Viana", como por lapso foi publicado neste boletim. Pedimos desculpa pelo facto.

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
9	Seg	18,30	Manuel José Araújo Gomes; Defensor e família; Francisco da Silva e Maria José Araújo; Aurora Cerqueira; Maria Adelina Pires Franco e João Varajão; Luís Enes da Costa Jácome e José Pedro Rua da Costa; Manuel de Jesus Duarte; Juliano Rodrigues Esteves Pereira e seu irmão Ramiro
10	Ter	18,30	Marina Alexandra Caldeira Pedra e João Nunes Pedra; Maria da Conceição Oliveira (aniv.) e José Oliveira; Alfredo Armando Quintiliano
11	Qua	18,30	Domingos Jesus da Silva; Ana Magalhães
12	Qui	18,30	José Bastos; Luís Miranda e familiares; Rui Manuel Pereira da Silva (aniv.) e Eduardo Peres da Silva; Almas do Purgatório mais abandonadas; Carolina de Miranda e João Mesquita; Laura Alves; Delfim Passos de Sá e pais; António da Costa Pereira, Olívia Marques Maciel e Palmira Maciel Pereira; 7 jovens falecidas em acidente de viação
13	Sex	18,30	Ana Magalhães e família; António Matos, esposa e filhos
14	Sáb	18,30	Manuel Jesus Ribeiro; Maria Isabel Coelho Fernandes; Glória Martins Coelho, Amélia de Jesus e José Pedro; Narciso Manuel Morais Santa Marinha; António Gomes de Sousa; Maria Madalena, José Luís e Diamantino
15	Dom	10	Manuel Viana, Rosa Vaz e Luzia Vaz

# PARÓQUIA VIVA

N.º 457 – 08/11/2009

**Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo**

Telefone: 30 200 99 91 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



### 32.º Domingo Comum – Ano B



«Veio uma pobre viúva e deitou duas pequenas moedas ... Jesus chamou os discípulos e disse-lhes: “Em verdade vos digo: Esta pobre viúva deitou na caixa mais do que todos os outros. Eles deitaram do que lhes sobrava, mas ela, na sua pobreza, ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver”.» (Evangelho)

### Ressurreição, razão de rezar pelos mortos, diz Bispo de Viseu

“O Dia dos Fiéis Defuntos celebra a Fé na Ressurreição e a Esperança na Vida Eterna porque sabemos – e acreditamos – que os nossos amigos e familiares que, pela morte, já partiram deste mundo, ressuscitaram e estão vivos em Deus...” disse D. Ilídio na homilia da Eucaristia que celebrou na Sé, no passado dia 2 de Novembro.

“Quem não acredita na Ressurreição, nega a existência de Deus e torna inútil, porque vazia, a Fé e a Esperança”, afirmava D. Ilídio, lembrando também que “é aqui, na Ressurreição de Cristo,

que está fundamentada a Esperança e a Fé na nossa própria ressurreição.” E lembrava aos fiéis que enchem a Sé, para participarem no sufrágio pelos defuntos, as palavras de S. Paulo: “se Cristo não tivesse ressuscitado era vã e inútil a fé, bem como a esperança e, porque pomos nela o fundamento da salvação, seríamos os mais infelizes dos seres – baseávamos a nossa vida numa mentira e numa ilusão”.

Segundo D. Ilídio, “não se pode apresentar a Fé na Ressurreição com uma lógica humana ou com uma sequência de argumentos fundamentados na ciência ou na tecnologia humana. A Fé somente se torna “visível e real na vida do crente e no sentido que dá à sua própria vida”, vivendo unido a Deus.

“Para quem crê e vive esta relação, a morte biológica é natural, necessária e não seria racional querer manter a imortalidade física que, de si mesma, é caduca, se torna velha e se destina à morte. (...) A morte biológica é a ultrapassagem do túnel da morte, a passagem para uma etapa nova, como o é, quando a refazemos, pela reconciliação e amor, depois do pecado, a relação com Deus e com os irmãos”.

(Continua na pág. 3)

## 32.º Domingo do Tempo Comum – Ano B

### LITURGIA DA PALAVRA

**1.ª leitura: 1 Reis 17, 10-16**

**2.ª leitura: Hebr. 9, 24-28**

**Evangelho: Mc. 12, 38-44**

#### - Dar-se para dar mesmo -

Em lógica contabilística, as duas pequenas moedas lançadas na caixa das esmolas por uma pobre viúva, bem como a bilha de água e o pedaço de pão, ainda que feito com o último punhado de farinha de que uma viúva de Sarepta dispunha para si e para o seu neto, oferecidos ao profeta Elias, contam muito pouco, não têm qualquer significado.

Todavia, estes dois gestos ficaram registados na Sagrada Escritura e são-nos apresentados neste domingo como exemplo e como desafio. E podem dizer-nos muita coisa.

Dizem-nos que, para dar, não é preciso ter muito: indispensável é ter um coração grande!

Dizem-nos que só um coração de pobre é que é capaz de repartir, do pouco que tem, com os que têm menos ou nada têm!

Dizem-nos que só há verdadeiramente dar, quando nos damos. Dar apenas coisas é ficar muito perto. Só quando nos damos é que se chega à solidariedade e à compaixão.

Cristo é o exemplo máximo desta (auto)doação: deu-se-nos por inteiro! Por isso, afirma a Carta aos Hebreus que Ele deu-se de uma só vez.

Em Mc. 6, 34 encontramos esta síntese admirável: “Quando saiu da barca, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão, porque estavam como ovelhas sem pastor. Então começou a ensinar-lhes muitas coisas.”

Encontram-se aqui os três elementos indispensáveis da verdadeira caridade: Jesus viu, sentiu compaixão, começou a ensiná-los.

Hoje, as situações de carência e de miséria são tantas que até um cego as vê. Sentir compaixão, também não falta quem a sinta e se comova até. Mas torna-se indispensável passar da ‘comoção’ à ‘moção’, isto é, ao movimento, ao pôr-se em campo, em acção para, em conjunto, encontrar respostas válidas e dignas para a miséria dos outros, que não pode ser miséria ‘alheia’, porque são nossos irmãos, na rota de quem o Senhor nos coloca para, dando-nos, nos reencontrarmos a nós próprios.

A verdadeira caridade também não se compadece com a procura do exibicionismo, do elogio e do aplauso. É o próprio Cristo que diz: “não saiba a tua esquerda o que faz a tua mão direita” (Mt. 6,3).

*Pe. José de Castro Oliveira*

## Ressurreição, razão de rezar pelos mortos, diz Bispo de Viseu

*(Continuação da 1.ª página)*

Esta lógica de Deus exprime-a Jesus, no Evangelho, louvando e bendizendo o Pai, porque a torna só compreensível aos pobres e aos simples das Bem-aventuranças. Para eles, “a morte biológica, é morte na vida e não morte da vida”. E D. Ilídio continuava a sua homilia afirmando que “os fiéis defuntos que hoje lembramos morreram na vida terrena para passarem a viver na vida celeste. Era inevitável e melhor para eles morrerem, pois, sem a morte não acediam à Vida, aquela que não conhece mais fins, nem outras mortes. Como às vezes dizemos: fecharam os olhos e disseram adeus ao mundo de cá para poderem viver no além e de forma plena e definitiva, onde Deus é tudo para todos. (...) A Fé na imortalidade significa não acabar na morte e manter a relação e a aliança com quem se ama”. E concluía: “para nós, que ainda vivemos nesta vida, suavizamos a saudade dos que partiram com a relação de amor que mantemos e fortalecemos na relação com Deus, em Quem todos vivemos – eles e nós”.

Num convite final, D. Ilídio afirmava: - “Aprendamos a morrer com a morte de Jesus. Entregou o Seu Espírito – Ele próprio – a Deus, Seu Pai. Assim devemos nós viver a morte: vivê-la como uma entrega de nós próprios, do nosso espírito que agora anima a vida humana e terrena ao Deus da vida e dos vivos. (...) Deixar-se morrer e aceitar a morte – sem eutanásia nem encarniçamento terapêutico – é entregar-se a Deus e confiar n’Ele que nos renova, dando-nos uma nova vida que jamais morrerá, pois Deus estabeleceu que o homem morra uma só vez”.

## Livro homenageia D. António Barroso

*«Réu da República» é assinado por D. Carlos Azevedo e Amadeu Gomes de Araújo*

Foi apresentado este Sábado, na Câmara Municipal de Barcelos, o novo livro sobre D. António Barroso, intitulado “Réu da República”. A obra é assinada por D. Carlos Azevedo, Bispo auxiliar de Lisboa, e Amadeu Gomes de Araújo, vice-presidente da Associação “Grupo de Amigos de D. António Barroso”.

D. António Barroso nasceu em Remelhe, Barcelos, a 5 de Novembro de 1854 e faleceu no Porto, a 31 de Agosto de 1918. Foi missionário em África, bispo de São Tomé de Meliapor (Índia) e bispo do Porto.

No lançamento da obra estarão presentes D. Carlos Azevedo, Zita Seabra e o jornalista Manuel Villas-Boas.

Na sua crónica semanal “O Alicerce das Coisas”, publicada pelo “Correio da Manhã”, D. Carlos Azevedo explica que a intenção deste livro é “valorizar, nesta proximidade do Centenário da implantação republicana, a serena consciência de quem se viu julgado e destituído, preso e exilado por medidas injustas”.

“Raras figuras da nossa história religiosa catalisam, como D. António Barroso, a densidade das características do seu tempo, permitindo no percurso da sua vida (1854-1918) reunir os grandes debates de um arco de tempo significativo. Situamo-nos, realmente, na emergência da acção missionária nos territórios coloniais portugueses, na mudança de regime de Monarquia para a República e na intensificação da vida pastoral das dioceses, prosseguindo caminho aberto desde os anos 70 do século XIX”, assegura.

O processo de canonização, a decorrer no Vaticano, foi introduzido em 1992. D. António Barroso distinguiu-se ainda como missionário e missiologista.